

Manhuti

Cristiano Melo

Nação poluta,
Tua gente é coesa
De sonhos oriunda
Tacanha turquesa do ocidente.

Vou-me embora de Manhuti,
Vim aqui a passeio,
Envolvido pelos comerciais
Da festa apressada!

Manhuti, país da rapidez intrépida
Tudo existe no nada do ontem
Quase nada inexistente no agora.

Em suas moradas sou bem recebido
E logo, logo devorado.

O esporte local é a caça
Sou facilmente engaiolado para abate
Numa velocidade sem compaixão.

Peço socorro aos povos de fora
É o que sussurro ao vento em urros
Apelo à falta de pressa
Ao sentimento possível,

Humanidade desumana.

Salvem-me de tão terrível destino,
Apavorado pela personificação da utopia famélica
Que a lenda é, pelo fato, engolida.

A mentira é o dialeto,
Sedução torpe a ferramenta,
Palavras em balas de escopeta,
Mãos em bote,
Adeus à minha sorte!

Sucumbo a Manhuti,
Salvem-me pelo menos minha alma
Levem-na para longe daqui
Para longe de Manhuti.

E, se a alma esfolar em própria morte,
A Manhuti tentarei me unir,
Mentiras sairão de minha boca,
Um reles sedutor me tornarei,
Minhas mãos espreitarão,
De meus lábios farpas sairão
Quem sabe me tornarei um rei...

Adeus minha morte!
Manhuti, desgraçada Manhuti
Não me leve para ti!
(aos ventos que uivam – vou partir)

Cristiano Melo, Agosto de 2008.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/manhuti>